Apresentação

Sandra Nancy Mansilla (snmansilla@gmail.com)

Buenos Aires, 12 de setembro de 2019.

Mais uma vez RIBLA nos convoca a pensarmos ecologicamente a partir de nossas práticas de leitura bíblica e reflexão sócio-teológicas. O convite será recorrer juntos e juntas várias propostas de leitura que agrupamos em dois grandes blocos. Um primeiro bloco reúne os diálogos entre paradigmas atuais e temas ecológicos presentes na Bíblia. E um segundo bloco agrupa estudos de exegese e hermenêutica bíblica aplicados a textos específicos.

O projeto global visa fortalecer o compromisso ético e político de sujeitos, grupos, comunidades e movimentos que, neste momento, incorporam a defesa do planeta e o cuidado com o meio ambiente, não apenas como preservação dos recursos naturais, mas, sobretudo, como preservação do princípio vital e do direito à dignidade da vida em todas as suas expressões.

Por que falar de paradigmas? Como Haroldo Reimer (2003) afirmou na RIBLA 45, entendemos por paradigma “uma maneira organizada, sistemática e atual de como o ser humano se relaciona consigo mesmo e com todo o ambiente circundante. São modelos e padrões de apreciação, explicação e ação sobre a realidade circundante”¹. A partir disso, reconhecemos que nosso tempo é caracterizado pela inovação tecnológica, globalização do mercado e concentração financeira, não apenas como amostras de uma nova era, mas algo mais complexo, uma ordem mundial diferente, um novo paradigma. E essa mudança de paradigma envolve não apenas tensões e conflitos de interesse, mas principalmente violência, perseguição e morte para todos aqueles e aquelas que pretendem se opor, protestar ou se rebelar contra essa razão global dominante que avança.

Nesse requebramento entre o velho e o novo, também reconhecemos que outro modo de entender e se relacionar está emergindo

¹ Reimer H. *Espiritualidad ecológica en los Salmos*. RIBLA 45, REcu, Quito (2003).

com urgência. O que até agora eram apenas sinais dispersos de uma transição, já podemos identificá-los como uma “visão holística”. Isto é, uma visão em que o humano deixa de estar no centro para se entender como um ser em relação, em que sua responsabilidade não pode desconsiderar as consequências de suas ações vinculadas ao planeta como um todo. Nesta nova visão, a mediação simbólica da linguagem expressa a matriz de pensamento que nomeia os sentidos emergentes que construímos para transitar este tempo tão convulsivo. Por esse motivo, a primeira contribuição destacada dessa edição da RIBLA vem da mão de Néstor Míguez, que nos apresenta uma análise do discurso ecológico para examinar os significados das palavras e conceitos bíblicos que usamos relacionados a este tema. Néstor também considera suas implicações no campo da economia capitalista que impera e as idolatrias que ela comporta.

O segundo artigo, abrindo a seção de artigos sobre paradigmas em diálogo, chega do nordeste brasileiro pela voz de Sandro Gallazzi. Sempre próximo e sensível ao grito da terra, que é o grito dos povos que a habitam, Sandro nos apresenta uma teologia bíblica, a qual ele bebe da sua convivência com os povos do rio Amazonas. É uma sabedoria oculta aos sábios e entendidos, mas tão clara e compreensível aos pobres e pequeninos.

Já imersos na complexidade do desafio ecológico de nosso tempo, David Castillo propõe uma hermenêutica ecológica do contexto centro-americano, em particular da Costa Rica. David nos oferece um estado da arte sobre o tema na região, revisando os fatores que deram origem a este novo sujeito hermenêutico que é a criação em seu clamor atual, bem como uma revisão dos pressupostos e núcleos críticos da questão ecológica. David completa sua contribuição com um exercício de interpretação aplicado aos textos do profeta Isaías.

Da irmã Cuba, Amós López nos guia na exploração de três categorias centrais do vasto campo da hermenêutica ecoteológica da teologia cristã: saúde, vida plena e salvação. Seu olhar atento nos convida a repensar a saúde, tanto humana quanto ambiental, mostrando a natureza indissolúvel da reflexão dessas duas dimensões.

Já no coração da nossa RIBLA, as miradas e vozes das mulheres se somam, neste caso, a partir da vértebra andina da amada Bolívia. De ali, nossa amiga Elizabeth Gareca nos propõe incorporar na reflexão cristã a ecologia profunda, holística e integradora, a fim de superar o pensamento ocidental, dualista e fragmentado. Esta proposta de ecologia profunda

se orienta a uma ética política, concretizada em ações cidadãs e comunitárias que nos permitem melhorar efetivamente a situação integral da *oikos*. A proposta é retornar a uma religião articuladora da vida, uma religião cósmica e ecológica que protege todos os sistemas da vida, uma religiosidade com mística, que priorize uma ética do cuidado da casa comum. Trata-se nada mais e nada menos que do sentido que tem nosso fazer teológico em fidelidade à missão cristã no mundo.

Como numa polifonia de vozes e ritmos, do Brasil nos deleitamos com a voz de Mercedes Lopes, que apresenta uma profunda reflexão teológica sobre as relações entre pessoas e das pessoas com a natureza, tendo presente as visões da Trindade transmitidas pela teologia escolástica. Para Mercedes, é necessário desconstruir as imagens patriarcais de Deus que nos impedem de experimentar sua presença em cada ser e em cada relação, a fim de responder ao convite de uma comunhão na divindade.

Passando para o nosso segundo bloco de artigos, abre nossa seção de leituras bíblicas ecológicas Edesio Sánchez Cetina, que da Costa Rica aborda o tema da ecologia a partir da dupla perspectiva da criação e redenção envolvidas no «grande manto» da sustentação, em um ambiente lúdico, espaço central e prioritário da infância. A partir de vários textos bíblicos, Edesio nos apresenta essa grande tarefa de constante criação e redenção, na qual Deus e o ser humano são parte e sujeito responsáveis.

Novamente da Costa Rica, o espírito intrépido de Tirsa Ventura nos encoraja a resistir. Tirsa nos convida a um olhar atento sobre Isaías 11,1-9 para descobrir ali uma proposta de justiça e nova criação, como parte de um programa de resistência em que o espírito de Deus, a *ruah*, em suas múltiplas manifestações, provoca a transformação das relações humanas. A partir daí, destaca Tirsa, surge a justiça, não em oposição à injustiça, mas como proposta de nova criação.

Para ler a Bíblia em perspectiva agroecológica e feminista, é necessário criar vínculos entre as imagens bíblicas e as lutas das mulheres. Por esse motivo, Nancy Cardoso, pela clareza de seu pensamento e pela radicalidade de seu compromisso com as comunidades camponesas do Brasil, propõe reler o livro de Oséias na perspectiva dos processos de intensificação da agricultura no século VIII em Israel Norte e a consequente resistência camponesa, na qual ocorre a recuperação e reinvenção de práticas e experiências de mulheres com a terra. A partir daí, Nancy nos oferece uma ponte hermenêutica valiosa com as lutas da agroecologia feminista hoje.

Com uma trajetória sempre fiel à hermenêutica ambiental e camponesa, o querido Aníbal Cañaverl, desde Colômbia, aproxima-nos das parábolas de Jesus na ótica da ecologia, evocando a partir delas o imaginário simbólico e camponês da Palestina do primeiro século. Aníbal enfatiza quatro parábolas, nas quais inter-relaciona economia e ecologia, terra e agricultura, riqueza e pobreza, usura e exploração, violência e morte. Estas são causas tão antigas, mas, ainda vigentes, tanto que chegamos hoje a denunciá-las enquanto causas da profunda crise civilizacional. Como diz o autor, trata-se de um suculento aperitivo hermenêutico para quem se aproxima com sentido crítico a escavar nas profundidades do mundo simbólico das parábolas. Bom proveito!

Da Patagônia Argentina, o incansável missionário verbita, Wolfram Dressler Moellenbruck, com sua vida consagrada ao estudo bíblico e ao serviço de nossas comunidades populares, oferece uma releitura de Romanos 8,1-11 a partir do clamor urgente da terra. Num tom coloquial e profundo, acessível e pastoral, mas com a autoridade dos profetas, desafia-nos a uma ação comprometida em favor da vida.

Por fim, e fechando esta edição com chave de ouro, Pablo Ferrer compartilha uma análise etimológica completa dos termos que usamos no campo da medicina e saúde. Termos estes que refletem as múltiplas divisões que os sistemas de crenças, incluindo o neoliberalismo, instalaram em nossa compreensão de saúde e bem-estar. A partir daí, Pablo se concentra na esfera semântica que o livro do Apocalipse usa para indicar dois aspectos: a saúde da Besta e a saúde que vem de Deus. Pablo conclui que saúde e ecologia são duas disciplinas que, se concebidas separadamente, contribuem para sustentar ecossistemas opressivos e doentes. Daí a necessidade de se reconstruir criticamente nossa concepção de cura e cuidado da criação.

Para finalizar, nossos sinceros agradecimentos a todos e todas que colaboraram com dedicação a esta edição da RIBLA. Agradecemos também às comunidades populares que, dos territórios de nossa palpitante Abya Yala, interpelam-nos todos os dias com sua luta de resistência, permeada pela dor e pela morte. Interpela-nos a construirmos juntos e juntas uma teologia que alimente uma espiritualidade sábia e profética para o cuidado da vida em todas as suas expressões.

Tradução: José Ademar Kaefer